

Candidato quer abrir mercados

Do enviado especial

Rio de Janeiro — O candidato do PDT à Presidência da República, Leonel Brizola, afirmou ontem, durante entrevista coletiva para os correspondentes estrangeiros, que irá permitir a entrada no mercado brasileiro de outras fábricas de automóveis, “acabando com um cartório que já dura 30 anos”. Ele admitiu a possibilidade do ingresso dos automóveis japoneses. Brizola disse ainda que se for eleito irá romper as relações diplomáticas e comerciais com a África do Sul e irá trabalhar pela criação de um mercado comum na América Latina idêntico ao que existe na Europa.

A entrevista de Brizola reuniu cerca de 70 correspondentes de diversos órgãos da imprensa internacional, representando 30 países. O encontro começou por volta de 12h e só acabou depois das 15h. Em sua maioria, os correspondentes queriam saber dos planos do candidato para a negociação da dívida externa, qual o seu relacionamento com os militares e como ele analisava o atual momento político. Eles demonstram um bom conhecimento da repercussão do ingresso do empresário animador de televisão, Silvio Santos, no processo eleitoral.

Esta foi a primeira pergunta dos jornalistas estrangeiros. Eles queriam saber do candidato o que poderia acontecer com a política nacional se a candidatura de Silvio Santos fosse impugnada pela Justiça Eleitoral. Brizola voltou a dizer que a candidatura de Silvio representava a falta de preparo da elite brasileira para participar de um processo eleitoral democrático. Exatamente por isso, ele afirmou acreditar que a população irá dar um “rotundo não” à manobra de lançamento da candidatura de Silvio a presidente da República.

Logo depois, ele explicou que os primeiros meses do futuro governo eleito poderão ser muito impopulares devido às medidas drásticas que deverão ser tomadas para combater o processo inflacionário. No entanto, ressaltou que o governo deverá estar voltado para o processo de eleição dos governadores e membros do Congresso Nacional que irão dar sustentação política ao novo presidente da República.

Ele disse ainda que a crise das estatais é fabricada com o interesse de deixá-las no prejuízo pa-

ra beneficiar a iniciativa privada. Por isso, ele defendeu a necessidade de se romper “com os cartórios existentes na economia nacional, como o do automobilismo”. Segundo ele, “quando se fala em reserva de mercado para a informática, ninguém fala na reserva de mercado que existe para os automóveis”. Ele disse ainda que irá rever o sistema de transporte nacional, dando prioridade para os transportes fluviais e por estrada de ferro.

Sobre a reserva de mercado, ele disse que irá permitir o ingresso de tecnologia estrangeira no País, mas desde que seja permitido às empresas nacionais a assimilação da técnica que estiver sendo transferida para o País. Além disso, ele disse que seria muito difícil a criação de um mercado comum na América Latina — idêntico ao que existe na Europa — “porque há uma cumplicidade muito grande entre a classe dirigente nacional e os interesses de grandes empresas internacionais”.

Um correspondente lhe perguntou como está o seu relacionamento com os militares. Brizola respondeu que não está fazendo nenhuma articulação para que seu nome passe a ser bem aceito pelas Forças Armadas. “Eles viveram a sua experiência que acabou resultando em fracasso, no entanto, estão demonstrando que realmente se integram em uma nova convivência de ambiente democrático”. Para ele, “o novo governo não só terá o acatamento dos militares como obterá a sua colaboração”. Segundo Brizola, “o relacionamento entre o governo e militares deve sempre observar a preservação das instituições”. Dentre as funções das Forças Armadas, o candidato destacou a necessidade de defesa das fronteiras da região Norte, por onde sai muito contrabando de ouro, prata e pedras preciosas.

Mais uma vez, ele apresentou o seu temor de que ocorram fraudes no processo eleitoral que possam acabar por desvirtuar os resultados da eleição. Brizola relatou seus constantes pedidos para que o TSE contratasse auditorias e determinasse a confecção de atas por cada uma das juntas apuradoras. Ele disse que já sofreu uma tentativa de fraude quando disputou as eleições de 1982 e que, por isso, acredita que o mesmo possa acontecer agora.